

VLADIMIR ILITCH

# LENINE



**Discurso sobre a Nacionalização  
dos Bancos na reunião do CEC  
de toda a Rússia**

**(Dezembro 1917)**

ORGANIZAÇÃO REGIONAL DE LISBOA DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS 

# **Discurso sobre a Nacionalização dos Bancos na reunião do CEC de toda a Rússia<sup>1</sup>**

**Vladimir Ilitch Lénine**  
**1917**

Acta de 14 (27) de Dezembro de 1917  
Publicado pela primeira vez em 1921

Presente tradução na versão das Obras Escolhidas de  
V.I. Lénine  
Edição em Português da Editorial Avante, t2, pp 436-437  
Traduzido das O. Completas de V.I. Lénine 5ª Ed. russo t.35 pp  
171-173

---

<sup>1</sup> O discurso foi pronunciado por Lénine em relação com a discussão do decreto sobre a nacionalização dos bancos na reunião do CECR de 14 (27) de Dezembro de 1917. O Banco de Estado foi ocupado em 25 de Outubro (7 de Novembro) de 1917. Por disposição do governo, na manhã de 14 (27) de Dezembro destacamentos de operários e de combatentes do Exército Vermelho ocuparam todos os bancos e instituições de crédito de Petrogrado. Neste mesmo dia foram adoptados na reunião do CECR os decretos "*Sobre a nacionalização dos bancos*" e "*Sobre a revisão dos cofres fortes nos bancos*". Ambos os decretos foram publicados em 15 (28) de Dezembro no *Izvéstia TsIK*.

O orador precedente tentou intimidar-nos dizendo que caminhamos para uma morte certa e para um abismo certo. Mas estas intimidações não são novas para nós. O mesmo jornal que exprime a opinião da fracção do orador - o *Nóvaia Jizn* - escrevia antes das jornadas de Outubro que da nossa revolução nada resultaria, excepto pogromes e motins anarquistas. Por isso, as afirmações de que vamos por um caminho falso são o reflexo da psicologia burguesa, com a qual não podem romper nem sequer pessoas não interessadas. (Exclamação do lado dos internacionalistas: «Demagogia!») Não, isto não é demagogia, mas os vossos constantes discursos acerca do machado, isso é que é verdadeira demagogia.

Todas as medidas propostas pelo decreto são apenas a verdadeira garantia do controlo.

Falais da complexidade do aparelho, da sua fragilidade e da confusão da questão — isto é uma verdade elementar, conhecida por todos. Se se utiliza essa verdade apenas para travar todas as iniciativas socialistas, nós dizemos que quem empreende esse caminho é um demagogo e um demagogo perigoso.

Queremos começar a inspecção dos cofres fortes, mas dizem-nos em nome dos sábios especialistas que neles não se encontra nada a não ser documentos e títulos. Que mal haverá então em que os representantes do povo os controlem?

Se assim é, porque se escondem esses sábios especialistas criticadores? Em todas as decisões do Soviete declaram-nos que estão de acordo connosco, mas só em princípio. É o sistema da intelectualidade burguesa, de todos os conciliadores, que com o seu constante acordo em princípio e o seu desacordo na prática tudo deitam a perder.

Se sois tão instruídos em todos os assuntos e tão experientes, porque não nos ajudais, porque no nosso difícil caminho de vós nada encontramos senão sabotagem?

Partis de uma teoria científica correcta, mas para nós a teoria é a fundamentação das acções empreendidas para estarmos seguros delas e não para sentirmos um medo mortal. Naturalmente, o começo é difícil, e frequentemente abordamos questões delicadas, no entanto fomos, somos e seremos capazes de as resolver.

Se os livros não servissem senão como travão e eterno temor a cada novo passo, não teriam valor.

Ninguém, com excepção dos socialistas utopistas, afirmou que se pode vencer sem resistência, sem ditadura do proletariado e sem impor uma mão de ferro ao velho mundo.

Reconhecestes também em princípio esta ditadura, mas quando se traduz esta palavra para russo e lhe chamamos «mão de ferro», aplicando-a de facto, advertis que o assunto é delicado e confuso.

Negais-vos obstinadamente a ver que essa mão de ferro, ao destruir também constrói. Se passamos dos princípios aos factos, isso é a nossa indubitável vantagem.

Para aplicar o controlo, chamámo-los, aos banqueiros, e juntamente com eles elaborámos medidas, com que eles concordaram, para, com um completo controlo e prestação de contas, obter empréstimos. Mas entre os bancários encontravam-se pessoas próximas dos interesses do povo, e disseram: «eles estão a enganar-vos, apressai-vos a acabar com a sua actividade criminosa, dirigida directamente para vos prejudicar». E nós apressámo-nos.

Sabemos que é uma medida complexa. Nenhum de nós, nem mesmo os que têm formação económica, se encarregaria da sua aplicação. Chamaremos os especialistas que se dedicam a estes assuntos, mas só quando tivermos as chaves na mão. Então saberemos arranjar consultores mesmo entre os ex-milionários. Quem quiser trabalhar - seja bem vindo, desde que não convertam em letra morta qualquer iniciativa revolucionária: não morderemos esse anzol. Pronunciamos a sério as palavras «ditadura do proletariado», e aplicá-la-emos.

Queríamos seguir o caminho do acordo com os bancos e demos-lhes empréstimos para o financiamento de empresas, mas eles empreenderam uma sabotagem de proporções inauditas e a prática levou-nos a aplicar o controlo com outras medidas.

Um camarada socialista-revolucionário de esquerda disse que eles, em princípio, votarão a favor da imediata nacionalização dos bancos para, depois, no mais breve prazo, elaborar as medidas práticas. Mas isso é um erro, pois o nosso projecto contém unicamente princípios. O Conselho Superior da Economia Nacional já os espera para discussão, mas a não aprovação do decreto conduzirá imediatamente os bancos a adoptarem todas as medidas para desorganizarem completamente a economia.

A aprovação do decreto é inadiável, de outro modo a resistência a nós e a sabotagem perder-nos-ão. (Aplausos que se transformam em ovação.)